

## ENSAIO<sup>1</sup>

### [O DOSSSEL E O PÁLIO: A FORMAÇÃO DAS IRMANDADES DE HOMENS E MULHERES NEGROS NO BRASIL SOB PERSPECTIVA ANALÍTICA DE PETER BERGER]

THE DOSSAL AND THE CANOPY: THE FORMATION OF FRATERNITIES OF BLACK MEN AND WOMEN IN BRAZIL UNDER THE PERSPECTIVE OF PETER BERGER]

Marco Antonio Fontes de Sá<sup>2</sup>

**Resumo:** As Irmandades de homens e mulheres negros foram uma das formas como africanos escravos e libertos, trazidos para o Brasil, se organizaram para recuperar um mínimo de dignidade e direitos roubados pelo regime escravocrata. Este trabalho pretende relacionar a maneira como essas irmandades se formaram, com conceitos apresentados por Peter Berger no livro: *O Dossel Sagrado*, especialmente no capítulo 2, *Religião e Manutenção do Mundo*. Por isso o título: *O Dossel e o Pálio*, já que o grande momento de celebrar conquistas das irmandades acontecia nas festas em louvor aos seus santos<sup>3</sup> protetores, quando reis e rainhas eleitos<sup>4</sup> entre os escravos participavam de uma procissão, protegidos pelo pálio.

**Palavras-chave:** Irmandades; escravidão; sociedade; organização

**Abstract:** The fraternities of black men and women were one of the ways that African slaves brought to Brazil organized themselves to recover the least of their dignity and rights stolen by the slavery regime. This paper intends to relate the way these fraternities were formed with concepts presented by Peter Berger on the book: *The Sacred Canopy* especially on chapter two, *Religion and World-Maintenance*. For that reason the title: *The Dossal and the Canopy*, since the great moment to celebrate the achievements of the fraternities happened during the celebrations to worship its saints when the elected kings and queens among the slaves were part of a procession, protected by the canopy.

<sup>1</sup> Esta nova sessão, em teste, está aberta a experimentos, visando espaço para publicações “abertas”, ensaísticas, especulativas ou até mesmo poéticas, sem prestar contas a rigores acadêmicos excessivos. Assim, é um espaço de divagação e não de “pontuação curricular”. Ao longo das edições, delinearemos o perfil do espaço.

<sup>2</sup> Mestrando no programa de pós-graduação em Ciência da Religião da PUC/SP. Fotógrafo há mais de 20 anos, dedicado à documentação fotográfica dos variados aspectos do patrimônio material e imaterial brasileiro e, de modo especial, às festas populares brasileiras. [marcoantoniosa@marcoantoniosa.com.br](mailto:marcoantoniosa@marcoantoniosa.com.br)

<sup>3</sup> Os santos protetores das Irmandades eram, principalmente, N. Sra. do Rosário e São Benedito. Nas festas em homenagem a esses santos era e ainda é comum a coroação de um rei e uma rainha como memória das tradições vindas dos reinos da África.

<sup>4</sup> Na África a troca dos reis era feita pela descendência

**Keywords:** Fraternities; slavery; society; organization

## **Introdução**

Não há registros precisos de quando apareceram em Portugal as confrarias ou irmandades, mas é certo que elas eram bastante atuantes no século XIV. Inicialmente como corporações de ofício, que atendiam aos interesses profissionais de seus integrantes, foram elas que serviram de modelo para as irmandades religiosas de homens negros<sup>5</sup> que surgiram com os escravos que foram levados para Portugal no final do século XV.

No Brasil, assim como em Portugal, essas confrarias de homens negros, organizadas sob a proteção de um santo, foram incentivadas pelas diversas congregações que participaram do processo de colonização brasileira como forma de catequese e difusão do catolicismo.

Aqui, todavia, elas tiveram características particulares que as diferenciaram das portuguesas, em geral mais devocionais e dedicadas aos santos padroeiros. As Irmandades se formaram no Brasil principalmente a partir da organização dos escravizados trazidos da região central da África e conhecidos como povos Bantus. Essas irmandades deram continuidade ao esforço pela manutenção de uma identidade que começou com a transformação desses escravizados em malungos<sup>6</sup>, já nos navios negreiros e se desenvolveu na conquista da dignidade perdida, buscando recursos para alforriar, curar e, sobretudo, sepultar seus membros.

São essas confrarias, com características mais políticas e sociais, que vamos examinar sob a influência do pensamento de Berger<sup>7</sup>, um dos mais importantes nomes da sociologia da religião. Nasceu em Viena em 1929, mas depois da Segunda Guerra Mundial mudou-se para a Inglaterra e depois para os Estados Unidos, onde fez sua carreira acadêmica em diversos centros de formação, como a Universidade de Georgia, a Academia Evangélica de Bad Boll (Alemanha), Hartford Seminary Foundation, New School for Social Research e Brooklyn College. No ano de 1980 obteve uma cátedra no Boston College e em seguida na Boston University, onde permanece atualmente como pesquisador.

Suas mais importantes contribuições sobre a realidade social e no campo da sociologia da religião aconteceram entre os anos de 1963 e 1970. A religião tem destaque em toda sua

---

<sup>5</sup> 1496 - Criação da primeira Confraria de N. Sra. do Rosário do homens pretos, no convento de São Domingos, em Lisboa. <http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/datas.htm#%B7%20DATAS%20PRECEDENTES>;

<sup>6</sup> Nome com que os escravos chamavam aos que tinham vindo com eles da África na mesma embarcação. Palavra Bantu equivalente a companheiro.

<sup>7</sup> Referência: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/peter-berger-e-religiao.html> consultado em 18/06/2015

obra, que foi influenciada pelas teorias de Alfred Schutz, Karl Marx, Helmuth Plessner e Arnold Gehlen e Émile Durkheim

No livro *O Dossel Sagrado*, publicado em 1964, Berger explica como a religião está associada à construção da realidade social e como é uma “ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo”.

Para falar sobre a formação das Irmandades no Brasil, nossas referências principais serão o trabalho de Antonia Aparecida Quintão, historiadora graduada pela USP e pesquisadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro (NEINB) e de Marina de Mello e Souza, professora de História da África na Universidade de São Paulo. Todavia, outras referências serão também utilizadas, de onde trechos serão destacados e comparados com os do trabalho de Berger.

### **Dançando sob os Pálios, sonhando sob os Dosséis**

Peter Berger, nas primeiras linhas do primeiro capítulo do *Dossel Sagrado* já afirma (BERGER, 2013, p.15): “Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento”.

Ele ainda diz:

O processo dialético fundamental da sociedade consiste em três momentos, ou passos. São a exteriorização, a objetivação e a interiorização. Só se poderá manter uma visão adequadamente empírica da sociedade se se entender conjuntamente esses três momentos. A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade. (BERGER, 2013, p. 16)

Esse processo dialético tem muito a ver com a formação das Irmandades de homens e mulheres negros no Brasil. Por meio delas esses homens e mulheres podiam ser vistos e reconhecidos na sociedade escravocrata, o que era individualmente impossível (exteriorização). Conseguiram conquistar direitos e reconhecimento que permitia entre outras coisas, a celebração das festas aos santos padroeiros e o sepultamento cristão de seus mortos (objetivação). Reorganizavam suas vidas assumindo papéis dentro dessa mesma sociedade, estabelecendo um catolicismo particular, onde as práticas e devoções católicas eram incorporadas às trazidas da África, fortalecendo o que alguns estudiosos chamam de catolicismo africano (interiorização).

Mais adiante Berger continua, e na sua fala encontramos mais subsídios para ratificar o

que dissemos acima:

Em outras palavras, o homem não só produz um mundo como também se produz a si mesmo. Mais precisamente - ele se produz a si mesmo num mundo. No processo da construção de um mundo, o homem, pela sua própria atividade, especializa os seus impulsos e provê-se a si mesmo de estabilidade. Biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente, é a cultura. Seu escopo fundamental é fornecer à vida humana as estruturas firmes que lhe faltam biologicamente. Segue-se que essas estruturas de fabricação humana nunca podem ter a estabilidade que caracteriza as estruturas do mundo animal. A cultura, embora se torne para o homem uma "segunda natureza", permanece algo de muito diferente da natureza, justamente por ser o produto da própria atividade do homem. Suas estruturas são, por conseguinte, inerentemente precárias e predestinadas a mudar [...] A cultura consiste na totalidade dos produtos do homem.<sup>8</sup> Alguns destes são materiais, outros não. (BERGER, 2013, p. 19)

Para o povo Bantu, arrancado da África e transportado em navios negreiros para o Brasil colônia, o mundo se tornava radicalmente diferente sob todos os aspectos mas sobretudo o cultural. Ao atravessar o oceano, a Kalunga grande que dividia o mundo dos vivos e dos mortos e serem desembarcados numa terra totalmente estranha, longe dos seus membros mais velhos e conseqüentemente de sua oralidade e de seus mitos fundadores, os jovens e crianças traficados para cá tiveram, num primeiro momento, de construir um mundo totalmente novo para conseguir uma estabilidade que seria conquistada e aprimorada pelas Irmandades.

Segundo Riolando Azzi (1978, p. 9), “Na história religiosa do Brasil estão presentes duas formas básicas de catolicismo: o catolicismo tradicional e o catolicismo renovado”.

Azzi define o catolicismo tradicional como sendo leigo, luso brasileiro, medieval, social e familiar. Já o catolicismo renovado é para ele, romano, clerical, tridentino<sup>8</sup>, individual e sacramental.

Todavia, ainda segundo Azzi, o catolicismo renovado, que de fato se estabeleceu no Brasil através do processo conhecido como romanização<sup>9</sup>, só conseguiu seu espaço definitivo com a proclamação da independência, por conta da aproximação do novo império com a Sé. Assim, o catolicismo brasileiro vivido durante a maior parte da colonização, ainda que houvesse por aqui a presença do clero, foi o tradicional, também chamado até pelo mesmo autor, de popular.

Antonia Aparecida Quintão, também se baseando em Azzi, começa o capítulo de um de seus livros dizendo que durante a colonização havia uma estreita interpenetração da religião com a vida social e familiar. A autora continua:

<sup>8</sup> Associado às questões definidas no Concílio de Trento (1546 – 1563).

<sup>9</sup> Romanização foi outra palavra usada para a aplicação prática das determinações do Concílio de Trento.

A religião era o núcleo da convivência na sociedade. Festas, procissões e manifestações religiosas consistiam uma forma de reunião social e quebravam a monotonia da vida diária, sendo muitas vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir. (QUINTÃO, 2002, p. 52)

Essa afirmação tem um paralelo interessante com a de Berger

A religião serve, assim, para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas. Seu poder legitimante tem, contudo, outra importante dimensão - a integração em um *nomos* compreensivo precisamente daquelas situações marginais em que a realidade da vida cotidiana é posta em dúvida. (BERGER, 2013, p. 55)

É possível imaginar como então foi importante e necessária uma referência (desempenhada pela religião) para unir os colonos, que numa terra estranha e sem as conveniências da civilização portuguesa, tiveram que se organizar nas pequenas vilas e povoados que iniciaram a colonização, e ver o quanto as citações de Azzi, Quintão e Berger tem em comum.

Para os escravizados, o modelo de confraria iniciado em Portugal e trazido com a colonização, seria fundamental na manutenção de uma identidade e na reconstrução de laços sociais que reproduziriam os familiares, muitas vezes desmantelados de forma drástica com o tráfico. As festas em homenagem aos santos padroeiros e a coroação de reis e rainhas serviam para eles, como instrumentos de atualização da memória da identidade africana e de revitalização dos laços de fraternidade.

Buscando referências em outra autora:

Espaço de preservação de tradições, de recriação de laços comunitários estilhaçados pelo tráfico e pela escravidão, de organização de novas hierarquias, de constituição de identidades grupais, essas associações permitiam a inserção dos negros no mundo e até mesmo a aceitação de suas diferenças, ainda que na situação excepcional da festa. (SOUZA, 2006, p.169)

Isso tem muito a ver ao que Berger afirma em dois trechos

Agora torna-se compreensível a proposição de que o mundo socialmente construído é, acima de tudo, uma ordenação da experiência. Uma ordem significativa, ou *nomos*, é imposta às experiências e sentidos discretos dos indivíduos<sup>23</sup>. Dizer que a sociedade é um empreendimento de construção do mundo equivale a dizer que é uma atividade ordenadora, ou *nomizante*. A ordenação da experiência é própria a toda espécie de interação social. Toda ação social supõe que o sentido individual seja dirigido aos outros e a interação social contínua importa em que os diversos sentidos dos atores se integrem numa ordem de significado comum. (BERGER, 2013, p. 32 )

Importante lembrar novamente que a constituição das primeiras irmandades de homens e mulheres negros no Brasil colônia aconteceu sob a influência majoritária da cultura dos povos trazidos da África Central conhecidos como Bantus, cujas relações com os portugueses não foi apenas escravocrata mas que envolveu um comércio muito mais diversificado e intenso, e

relações diplomáticas que incluíram a adoção do catolicismo como religião, de modo que muitos escravizados trazidos para o Brasil já eram cristãos na África. Diferentemente do que aconteceu com outros povos africanos, igualmente escravizados, a relação dos povos Bantos, especialmente os que viviam na foz do rio Zaire, onde hoje está o Congo, permitiu que portugueses frequentassem a corte africana e que africanos do congo frequentassem como homens livres, a corte portuguesa, aprendendo seus costumes e trazendo-os para a África quando retornaram.

A adoção do catolicismo pelos povos Bantus foi facilitada por algumas semelhanças entre a teologia e tradição católica e a cosmologia Bantu a saber:

- *Crença numa vida após morte;*
- *Semelhança entre as relações com ancestrais africanos e santos católicos;*
- *Símbolos comuns e ritos com características semelhantes.*

Especialmente em relação à devoção aos santos, a cosmologia dos Bantus, de uma forma muito parecida, se baseava numa veneração culto aos ancestrais falecidos. Assim, de modo particular, os santos negros como São Benedito, Santa Efigênia e Santo Elesbão foram usados pelas várias congregações missionárias, especialmente os Jesuítas e Capuchinhos, para difundir eficientemente o catolicismo na África e principalmente no Brasil, associando esses santos à ancestralidade africana já que de fato eles tinham sua origem na África.

Além disso, a intermediação entre o mundo dos vivos e o dos mortos, separados por uma linha frequentemente associada ao oceano, era possível através de sacerdotes, especialmente preparados para isso conhecidos como Itomi e Nganga. Os segundos usavam para isso objetos especiais, dotados de poder e de magia conhecidos com m'inkisi. Esses sacerdotes e esses objetos foram também associados aos sacerdotes católicos e objetos litúrgicos por eles usados.

Buscando novamente uma referência em Marina de Mello e Souza, destacamos:

As irmandades foram elementos fundamentais no exercício de uma religiosidade colonial e barroca, caracterizada pelo culto aos santos, pelas devoções pessoais e pela pompa das procissões e festas, marcada pela grandiosidade das manifestações exteriores da fé, na qual conviviam elementos sagrados e profanos. A essas especificidades do catolicismo colonial agregava-se um caráter prático e imediatista, que buscava consolo e soluções para as questões do cotidiano, principalmente por interferência dos santos, aos quais eram dirigidas promessas que seriam cumpridas mediante o alcance da graça pedida. (SOUZA, 2006, p. 184)

É interessante voltar aqui ao Dossel Sagrado para destacar outro trecho:

A religião legítima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema nas precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas. (BERGER, 2013, p. 45)

Os paralelos que existiam entre o catolicismo português e a cosmologia dos Bantos, permitiram, como diz Berger, que a precária realidade dos escravizados fosse reconstruída a partir desses novos símbolos, adotados empiricamente a partir das relações que se estabeleceram desde a chegada dos portugueses na África.

Farias, Gomes, Moreira e Soares nos informam que, mesmo no cenário da escravidão urbanizada do século XIX, as irmandades mantinham seu papel, semelhante aos de suas origens.

Entre os diversos espaços urbanos da diáspora, africanos e seus descendentes encontraram nas irmandades católicas um espaço onde podiam se reunir de forma mais ou menos autônoma, reconstruindo suas identidades. [...] Para além de fervor religioso, surgiam nesses locais novas regras de sociabilidade, redefiniam-se identidades e construía-se alianças em torno de festas, procissões, assembleias, funerais, missas e auxílio mútuo. (FARIAS; GOMES; MOREIRA; SOARES, 2006, p. 103)

Vemos então que, fundamentadas numa base religiosa, essas associações tinham, muito além do caráter devocional, uma forte função social de formação de uma família, que também encontra um paralelo com o texto de Berger: “As instituições sociais do parentesco podem, portanto, limitar-se a refletir a grande "família" de todo ser, de que os deuses participam em nível mais elevado” (BERGER, 2013, p. 47). Podemos ainda relacionar as mesmas afirmações anteriores com mais dois trechos extraídos da obra *O Dossel Sagrado*:

A religião legítima as instituições infundindo-lhes um status ontológico de validade suprema, isto é, situando-as num quadro de referência sagrado e cósmico. (BERGER, 2013, p. 46)

Recapitulando, a parte historicamente decisiva da religião no processo da legitimação é explicável em termos da capacidade única da religião de "situar" os fenômenos humanos em um quadro cósmico de referência. Toda legitimação serve para manter a realidade - isto é, a realidade, definida numa coletividade humana particular. [...] A legitimação religiosa pretende relacionar a realidade humanamente definida com a realidade última, universal e sagrada. As construções da atividade humana, intrinsecamente precárias e contraditórias, recebem, assim, aparência de definitiva segurança e permanência. (BERGER, 2013, p. 48-49)

De fato, foi a religião que deu aos escravizados a legitimação das Irmandades. Não se deve confundir aqui, religião com clero. Este servia aos interesses das Irmandades, quando era necessário, para oficializar (e não legitimar), as cerimônias permitindo que fossem reconhecidas como um fator social que, verdadeiramente, construía a legitimidade e fortalecia a identidade africana dentro do sistema escravocrata.

Assim, se de um lado o clero via nas Irmandades e em suas celebrações um sinal de conversão ao Catolicismo Romano, os Irmãos faziam dessas festas um memorial de suas origens e um resgate da sua ancestralidade.

## Conclusão

O livro de Peter Berger intitulado *O Dossel Sagrado* não trata da formação das Irmandades Negras na Europa e muito menos no Brasil colonial. Todavia, encontramos nesse livro diversos trechos, repletos de conceitos que se aplicam para analisar e sobretudo comparar com o que já foi estudado e publicado sobre a formação dessas irmandades em Portugal e no Brasil, desde o tempo de colônia.

Penso ter mostrado e possivelmente demonstrado, como a obra de Berger tem conceitos que se aplicam perfeitamente à história da formação das Irmandades no Brasil e como há paralelos interessantes entre sua obra e a de outros autores que se dedicaram especificamente ao estudo das Irmandades.

Tentei aqui, ora sob o mesmo pálio e ora sob o mesmo dossel, misturar estudos organizados a partir da História e da Sociologia, para discutir um tema que me é muito caro, as Irmandades de Homens Pretos, que fizeram a beleza das festas em honra de São Benedito e N. Sra. do Rosário. Penso que esse é justamente o papel da Ciência da Religião.

As irmandades continuam a existir no Brasil. Hoje, sem a necessidade principal de assistência social, ela mantém um caráter devocional aos santos padroeiros e pretendem, sobretudo, a manutenção e transmissão da memória da ancestralidade negra e escrava para as gerações posteriores.

Seus estatutos históricos são, frequentemente, a única fonte de pesquisa para entender o processo que permitiu aos escravizados saírem de um anonimato degradante e conquistarem um espaço de proteção sob um pálio histórico e para terem a dignidade de dormir sob um dossel que os protegia do sereno frio da segregação.

Estou consciente de que retirar trechos do texto para uso em outro contexto pode corrompe-los, mas me tranquilizo porque o trabalho de Peter Berger não está sendo usado para justificar ou provar nenhuma tese. É apenas uma comparação. Haveria muito mais a fazer. Poderíamos ir mais além, examinando as origens dessas irmandades, como confrarias de artes e ofícios que pretendiam garantir os interesses de artesãos e trabalhadores. Mas isso pode ser um outro estudo e não apenas um trecho deste que está aqui apresentado.

O livro de Berger, sozinho, já diz muito mais e, da mesma forma, o estudo das irmandades de homens e mulheres negros no Brasil tem muitos mais autores que poderiam incrementar e melhorar este estudo comparativo - o propósito não precisa ser o de comprovar uma hipótese, mas sim de promover uma reflexão.

### **Referências**

AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978

BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado*. São Paulo : Editora Paulinas, 2013

FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio dos Santos; MOREIRA, Carlos Eduardo de Araújo; SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Cidades negras*. São Paulo: Editora Alameda, 2006

QUINTÃO, Antonia Aparecida. *Irmandades Negras - Outro Espaço de Luta e Resistência*. São Paulo: Editora Annablume/Fapesp, 2002

\_\_\_\_\_. *Lá vem o meu parente*. São Paulo: Editora Annablume/Fapesp, 2002

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.